

Uma grande figura da história educacional cearense

ALBA VALDEZ

Em 1943, a 7 de Julho, passou na cidade de Baturité, sem ressonâncias de evocações glorificadoras, o primeiro centenário do nascimento do erudito professor José de Barcelos.

Em sessão do Instituto do Ceará, realizada a 20 daquele mês e ano, o saudoso consócio Leonardo Mota que, com uma faísca de bom humor, dirigida a si próprio, se apelidara "sineiro do Instituto", de tanto anunciar centenários, cinquentenários e outros numerais venerandos da história cearense, assinalou, naquele momento, com a sua palavra exacta e oportuna, a presença espiritual de José de Barcelos.

Após fazer-lhe o elogio, enumerando-lhe os títulos — mestre do vernáculo e conhecedor de vários idiomas estrangeiros, inclusive o grego, pedagoga a par dos últimos processos e métodos de ensino da sua época, literato, jornalista, geógrafo e historiador, títulos esses qual o mais representativo — Leonardo Mota propôs no meio de expontanea unanimidade que na acta da sessão do dia se fizesse o registo do acontecimento.

E assim não foi esquecida, antes celebrada efeméride de relevo do nosso calendário cultural.

Outras fossem, porém, as circunstancias e preocupações, e não as daquela hora cismica, pressaga, cheia de pavores para os destinos do mundo, certo a homenagem fraterna do operoso sodalício cultural decorreria com mais solenidade e amplitude e as frases do orador não perpassariam apenas nos ouvidos da família do Instituto, no ambiente calmo da Casa, que é o seu clima normal, quando entregue aos labores das reuniões quinzenais ordinárias.

Realizada no dia mesmo do transcurso do centenário, a sessão, convocada para esse fim, teria aspecto mais rumoroso e festivo. O salão nobre naquele 7 de Julho encher-se-ia de espectadores, inclusive uma escolhida comissão de cidadãos baturiteenses amantes das glórias de sua terra. Ou, antes, imagino isso. Convém pintar a imaginação de edifi-

cantes cenas exemplares para uma compreensão mais alta e construtora da vida.

E' grato imaginar que no augusto recinto de cujas paredes pendem retratos de homens que deram fama e brilho ao nome cearense, vibrasse, naquele instante, a alma do compacto auditório transportado pelo sortilégio da palavra a um período florescente de nossa história no plano de sua evolução mental. Em verdade, tal período, todo ele, se salienta pela acção educativa do professor José de Barcelos, nome que, hoje em dia, poucos guardam e muitos desconhecem.

Quem era José de Barcelos? E' presumível que esta pergunta, endereçada aos estudantes dos nossos estabelecimentos de instrução, seja respondida apenas por desconsoladora minoria. E a culpa de semelhante omissão quase que não cabe á mocidade estudantil, cuja formação de carácter deve correr parrelhas com o cultivo do espírito.

Entre nós, nos ambientes escolares inclusive, não é praticado, como fora de esperar, o culto dos obreiros do nosso bem-estar material e moral, mormente daqueles que, á maneira do professor José de Barcelos, trabalharam silenciosamente, sem espalhafato, mais pelo patriotismo e pela força dominadora de suas inclinações e tendências do que por ambições pessoais e sede de renome.

Pelo que sabemos, essa figura benemérita, o mais completo pedagogista cearense de seu tempo e um dos maiores de todos os tempos, pelo impulso dado á causa do ensino, libertando-o de vícios, deficiências e processos arcaicos para orientá-lo na realidade do tempo e do espaço, nas necessidades do meio ambiente, não tem gravado o seu nome numa rua nem sequer numa modesta escola, num grémio literário estudantil, que relembre as fulgurantes cogitações que lhe formaram a maior parte da existência.

Desde muito cedo, preocupou-se com o sempre momentoso problema da instrução e da educação, cuja solução era uma das necessidades do Ceará.

Na tarefa de ensinar "a santa missão do professorado", como se expressava a João Brígido em interessante e curiosa correspondência epistolar, — interessante e curiosa, porque assás psicológica, — durante os dez anos de estada na metrópole, condensou os prazeres e as esplêndidas exaltações do espírito esse estranho tipo de homem reservado, fornido, cabeça grande e redonda, rosto moreno, traços fisionómicos caricaturais, neutralizados por um ar de dignidade, uma correcção de maneiras, uma acentuada expressão espiritual, que lhe denunciavam a invulgar personalidade.

O ideal permanente de José de Barcelos e pelo qual trabalhou apaixonadamente na directoria da Escola Normal, nas cadeiras que ocupou no Liceu Cearense, nas produções espalhadas nas colunas dos jornais, foi a elevação do nível moral e intelectual do indivíduo, tornando-o apto para a conquista de um lugar, se não alcandorado pelo menos decente e útil no agregado social.

Que o aperfeiçoamento das faculdades da alma pelo trabalho e pelo estudo valorizam e superiorizam a criatura humana ele o sabia muito bem por experiência própria. As luzes da instrução era que o tinham arrancado da obscuridade de uma existência sem horizontes, sem nuances sugestivas para, reanimando-lhe os membros inertes, defendê-lo das anfratuosidades agressivas da ascensão e colocá-lo em posição de comando nos embates objetivos do progresso civilizador.

Seus pais eram pobres, pobres deveras que se viram obrigados a abandonar Baturité em 1845, rumando Fortaleza, á procura de recursos. Devia ter influído grandemente nessa resolução dos seus progenitores a seca que, naquele ano, devastava a Província.

O destino de Barcelos, que andava nos dois anos, enveredava por nova trilha. Deduz-se facilmente que a sua viva inteligência e apego aos livros se tenham manifestado logo que começou a aprender, pois já aos treze anos — nem ainda os tinha completos — o meninote Barcelos, feitos os estudos de primeiras letras, encontrou-se nomeado professor adjunto das escolas públicas de Fortaleza.

Ei-lo nos passos iniciais do magistério, o esboço do inconfundível educador, do futuro director da Escola Normal, que foi obra sua, o qual, trinta anos mais tarde no novo estabelecimento de educação se desdobrava em tarefas, ora na sua cátedra, lecionando Pedagogia e Metodologia, ora preenchendo o espaço lectivo de colegas faltosos, ora descendo ás escolas anexas de meninos e meninas e á Escola Infantil afim de orientar, dirigir, familiarizar as diplomandas nos deveres de sua futura profissão.

Nomeado professor adjunto das escolas primárias de Fortaleza por provisão de 22 de Abril de 1856, o adolescente José de Barcelos assumiu o exercício de seu cargo, percebendo 5\$000 mensais que, no segundo ano de magistério, subiam a 7\$000 e no terceiro a 10\$000.

Para os tempos correntes recordar tais vencimentos provoca riso senão um sentimento de comiseração por aqueles servidores da Nação que os percebiam. O facto, em si, oferece margens a mais de uma consideração.

Cinco, sete, dez mil réis davam para alguma cousa?

Sempre davam, tanto que Barcelos se manteve naquele cargo até 17 de Fevereiro de 1862, — ou sejam seis anos de exercício — quando foi exonerado a pedido.

Naquela época o custo da vida era suave e se o minguado ordenado não lhe garantia a subsistência, contudo auxiliava as despesas extraordinárias do menino-professor que, concomitantemente, estudava os preparatórios no Liceu.

A capital cearense, um embrião de cidade, apresentava então uma reduzida edificação, se bem que subordinada ao elegante traçado de autoria do Coronel de engenheiros Silva Paulet, contando poucas ruas iluminadas por alguns lampeões providos de azeite de peixe. A vida social, modesta e recatada, não fazia por onde o dinheiro jorrasse continuamente em sorvedouros de divertimentos e mundanismos.

Isso de nenhum modo concorre para justificar os ridículos vencimentos do antigo professor adjunto, antes vem corroborar o esquecimento, o descaso que, desde os primórdios de nossa existência política, os governos têm votado á classe dos professores primários, os plasmadores das gerações futuras.

Fazendo o currículo do Liceu, a capacidade intelectual e os méritos do jovem José de Barcelos afirmavam-se, dia a dia, por entre a admiração e a estima dos condiscípulos e mestres que lhe acompanhavam o caminhar para um belo destino.

Com o tempo repartido entre os deveres professorais e os estudos, fora de crer que lhe não restassem mais horas para engolfações intellectuais além daqueles que o prendiam. No entanto, vemo-lo escutar a voz da sereia do jornalismo e ceder ao seu fascínio.

De modo geral, as suas atividades jornalísticas sempre propenderam para a difusão de ideias e conhecimentos no sentido de elevar o nível mental de sua terra, assim como a sua cultura polimorfa, linguas, filosofia, história, geografia, arte e literatura lhe eram alicerce e colunas para a ciência do professor que ele foi na mais alta e completa significação do termo.

Em 1859, fundou com Antônio Bezerra *A Estrela*. Ao ardoroso abolicionista, veemente poeta e vero historiador que chegou a ser depois aquele ilustre cearense, coube a parte poetica, ocupando-se Barcelos em fazer o resto do jornal, que viveu até 1860. O periodismo indigena, neste ano, exibiu-se com índice animador, registrando o aparecimento de quatorze novos jornais dos quais seis em Fortaleza, cinco em Aracati e três no Crato. Apesar da existência precária dessas folhas, tornava-se evidente o incremento do jornalismo na Província.

Entre as folhas saídas em Fortaleza, incluía-se o *Eco Juvenil*, o primeiro jornal em que escreveu João Camara e em que colaboravam José de Barcelos e outros alunos do Liceu Cearense. A imprensa já possuía no estudante Barcelos um trabalhador em que se revelavam ideias num dizer correto e asseado. Era o vernaculista que se delineava e que, no ano seguinte, no jornal *A Beata*, escrito por ele e João Camara, zurziu com força o professor particular de instrução primária e secundária de Fortaleza Joaquim Frederico Kiappe da Costa Rubim, que acabava de publicar uma gramática em verso, intitulada "Novo Método de Gramática Portuguesa" (Ceará — Tip. Cearense — Praça da Municipalidade).

Conquanto aprovado e adoptado para as aulas da Província pelo Conselho Director da Instrução Pública de que era chefe o Padre Carlos Augusto Peixoto de Alencar, o compêndio em apreço era somenos da importância da matéria tratada e da forma que o devia caracterizar.

Dirigia então os destinos do Ceará o Dr. Antônio Marcelino Nunes Gonçalves que assinou o despacho mandando dar ao autor, por certidão passada pelo secretário do Governo Dr. Sinval Odorico de Moura, em 14 de Fevereiro, o teor do officio do Director Geral da Instrução Pública.

Desde que entrou em contacto com o estudo, José de Barcelos manifestou amor e zelo entranhados pela língua-máter, vestal sagrada, que se devia preservar de toques profanos afim de se lhe conservar a louçania e a pureza.

Na obra do professor Rubim, a despeito do proteccionismo official que a amparava, Barcelos não encontrou as necessárias qualidades didáticas para o fim de servir ao aprendizado das crianças das escolas. A técnica do "Novo Método de Gramática Portuguesa" não lhe agradava, tão pouco o satisfazia a disciplina que pretendia ministrar. Criticou-a severamente, proficientemente.

O professorzinho de ras. letras, o estudante do Liceu que nem havia concluído os preparatórios, com apenas 18 anos, mostrava-se detentor de apreciáveis noções de Filologia, ciência quase desconhecida no meio ambiente, provocando admiração geral.

Um estudioso das cousas cearenses, Julio Cicero Monteiro, em artigo inserto no *Ano Escolar*, edição de 1921, organizado pelo professor Joaquim da Costa Nogueira, disse ter tido noticia de existirem ainda alguns exemplares da Gramática de Rubim, provavelmente nunca saída da 1.ª edição.

Assim que terminou o currículo do Liceu, em 1862, José de Bar-

celos pediu demissão de professor adjunto e, sempre interessado pela solução dos problemas ligados ao progresso do Ceará, resolveu ir cursar a Escola Agrícola de Grignon, seguindo logo para a Europa, donde regressou ao cabo de um ano, por lho haver exigido o precário estado de saúde.

De regresso á Fortaleza, meteu-se novamente no jornalismo. Aí por 1864, publicou no *Cearense*, o mais bem feito e adiantado jornal da Província, fundado por Frederico Pamplona, Tristão Araripe e Tomás Pompeu e na *União Artística*, artigos dentro das suas tendências pedagógicas, focalizando a situação do ensino público, além de vários assuntos, inclusive literatura.

O dr. José de Castro Medeiros que, ha alguns anos, publicou na extinta *Folha do Povo* parte da correspondência epistolar que José de Barcelos entreteve com João Brígido, dando informes sobre a personalidade do grande educador cearense, ressalta a aversão que este votava á política.

Em que pese o conceito do sujeito sério e talentoso que foi aquele ilustre médico, uma observação mais detida e minuciosa sobre certos casos da vida de Barcelos, que ele qualifica de "emotivo e afetivo também" leva a crer que as cousas nem sempre se passaram assim. A aversão talvez resultasse de decepções e desgostos com que a ingrata política costuma pagar os serviços dos seus correligionários.

Certas atitudes de Barcelos dão a entender que, em tempos, embora discretamente, ele se envolveu em partidarismo, não se diferenciando muito do seu povo, que é um dos mais políticos do Brasil.

Assim é que em 1866, governando o Ceará o Tenente-coronel João de Sousa Melo e Alvim, redigiu com o político Dr. José Avelino o jornal *O Progressista*, órgão da facção política de igual nome, o qual se propunha a prestigiar e sustentar a administração daquele militar.

Nesse mesmo ano, na administração anterior, exercida pelo Dr. Inácio Marcondes Homem de Melo, foi comissionado para ir á Baía estudar a organização da Escola Normal daquela Província.

Pela fundamentada exposição contida no extenso e bem feito relatório que apresentou ao governo, concluiu ser de muito proveito a execução de uma lei que mandava criar em Fortaleza escolas de 2.º grau.

As funções do cargo de bibliotecário, para o qual fora nomeado por provisão de 3 de Janeiro de 1867, não lhe arrefeceram o prazer de mourejar no periodismo, ao contrário, parece até que o incentivaram mais para entregar-se a ele com ardor. Fundou em Agosto o *Jornal do Domingo*. A princípio, a folha saía da Tipografia de Odorico Colás, depois da Tipografia da *Aurora Cearense*, finalmente da Tipografia do *Jornal do Domingo*.

Começou com oito páginas, que em certo dia atingiram doze, voltando a oito e por fim, descendo a quatro.

A Biblioteca Pública do Recife possui os dezenove primeiros números do *Jornal do Domingo*, cujo trabalho não só o intelectual como o gráfico, e ainda o da distribuição segundo corria em Fortaleza, era executado unicamente pelo redactor José de Barcelos.

Facto admiravel nos anais da imprensa indígena, o qual, honrando a têmpera e o esforço cearenses, não ficou no singular. Pluralizou-o outro conterraneo o jornalista Teodoro Vieira, residente em Fortaleza. Em tipografia própria, editou durante anos o periódico *O Imparcial*, que redigia e compunha, chegando ao ponto de conduzir pessoalmente os exem-

plares de cada edição para distribuí-los nas casas dos assinantes. E' a feliz oportunidade de dizer: — Só muito amor á arte. Aliás, Ceará já foi chamado por alguém de *terra dos jornalistas*.

José de Barcelos já dispunha de grandes conhecimentos, todos á força de estudos, porquanto frequentara apenas os bancos da escola primária de 1.º grau e os do Liceu e estivera alguns meses na Escola Agrícola de Grignon. Era, portanto, um autêntico autodidata.

Na Biblioteca Pública empregava as horas disponíveis em ler as obras que lá existiam para ilustrar-se.

Mas em que consistia a Biblioteca Pública de Fortaleza naquele ano de 1867, em que o Ceará e o resto do Brasil viviam preocupados com as questões políticas e não menos com a guerra do Paraguai?

O cultivado espírito do moço Barcelos que já estivera em contacto com a adiantada civilização europeia ansiava por horizontes que não lhe podia oferecer a capital cearense, agora, é certo, um pouquinho mais desenvolvida e iluminada á luz carbônica, mas ainda muito pequena, monótona e, ás vezes, irritante com a política de campanário entre sectários que se degladiavam pela imprensa, visando o poder, *ficar de cima*, como se diz na gíria dos partidos. Tais cousas lhe estragavam, lhe alteravam o temperamento. Ele mesmo fora vítima das insídias de inimigos políticos, que o tinham afastado de um presidente, seu amigo.

Dirigira-se a Palácio com o intuito de desfazer as infamias. O presidente não lhe tocou em nada nem ele tão pouco. Aquele rapaz pobre, mas opulento de inteligência, de família humilde, de físico desfavorecido não era menos orgulhoso do que o potentado que dirigia os destinos da sua terra. Nunca mais pisou em Palácio, enquanto o ex-amigo governou.

A atmosfera da terra natal começava a asfixiá-lo. Parecia sentir a seca.

Assim mesmo resistiu por algum tempo até que em 1869 pediu demissão de Bibliotecário, viajando para o Rio de Janeiro. Emigrava, não fugia a predestinação da raça.

Colocou-se num colégio como vice-diretor, percebendo 60\$ e trabalhando sem descanso, das 5 horas da manhã ás 10 na noite. Mostrava-se satisfeito com o regime e com o Rio.

Devia ter vindo para cá há mais tempo — escrevia a João Brígido. E provavelmente não voltaria mais ao Ceará — acrescentava.

A euforia que, em começo, se apoderou dele esvaescia-se aos poucos. Depois de algum tempo, exonerou-se da vice-presidencia do colégio, para ser revisor de um grande jornal político. O redactor era cearense seu amigo e, por esse meio, ser-lhe-ia fácil fazer carreira, galgar posição, bastando-lhe, para tanto, adoptar a cor de um partido. Não. A política não entrava nas suas cogitações.

E a João Brígido, que gostava do assunto, ele retorquia entre desprendido e enjoado: "Dispense-me de falar-lhe em política. — De política a mesma bobagem. — As discussões na Camara não são cousas que ocupem a atenção de gente séria. — Nada de novo na política provincial, pequenina, ruim."

Aos homens do Parlamento referia-se com azedume: "Octaviano é uma peste. Seu partido é a barriga — Zacarias não passa de um grande parlapatão. Ao chegar a vez do nosso claríssimo José de Alencar, opinava inicialmente num tom caloroso: — "Um grante talento. Mas obtem-

perava desconsoladamente, botando água na fervura : — Pena é que seja um tão pequeno character.

Antes, já abandonado da euforia dos primeiros dias da sua chegada, escrevera acabrunhado: "Aqui, como lá, o povo é o mesmo. A opinião pública não existe. O brasileiro é incapaz de ser livre. Povo sem carácter, sem brio, nasceu para a opressão, para o servilismo."

Era o desabafo, irrompido do peito do educador, que via quão longe andavam os homens públicos do modelo que ele criara e procurava imprimir na juventude, inculcando-lhe hábitos e costumes inspirados no amor da verdade.

Caráter, brio, independência, atributos qual o mais belo, não se encontram, infelizmente, a miúdo, em todos os lugares e situações do viver individual ou colectivo. Passam por um processo de elaboração que não decorre num santiámen, mas em período compassado de desenvolvimento moral.

Tudo isso sabia de sobra o prof. José de Barcelos que, uma vez, descido do seu transcendentalismo pedagógico e em contacto com a realidade, reconhecia a necessidade de transigir e contemporizar em determinadas conjunturas. Daí a dizer a João Brígido: — "Você talvez pense que vou me tornando mau: pode ser. O coração, ás vezes, esteriliza-se."

O lugar no jornal político não lhe conviera. Voltou ao colégio e reassumiu as suas antigas funções. Leccionava e estudava. Sua avidez de saber jamais decresceu. Compulsava obras, investigava pontos, ficando em dia com os mais recentes ensinamentos das ciências a que se dedicava. Na língua vernácula tornou-se autoridade incontestada versando os clássicos com admirável limpidez.

Os estudos absorviam-lhe grande parte do tempo que, parcimoniosamente, lhe restava do magistério particular, restringindo-lhe sobremaneira a produção literária.

Publicou o trabalho intitulado "A prova escrita dos pontos de Geografia e Cosmografia conforme o programa dos exames de preparatórios no corrente ano" (1876) e o opúsculo — "Geografia Física" — pontos de exame, cuja edição foi esgotada, sendo o líquido da venda em benefício dos flagelados da seca de 77.

Raiou 1879. A extensa e profunda cultura que Barcelos adquirira no lapso de dez anos no Rio de Janeiro não lhe chegara a proporcionar uma situação pública em evidência nem melhorar o seu estado financeiro. Tinha relações com alguns deputados e senadores do Ceará, mas nunca se dirigiu a nenhum deles para lhes pedir empregos. Naquele homem de pensamento existia uma personalidade, misto de sentimentos contraditórios, tais como amizade e retraimento, affectividade e pessimismo, modestia e orgulho.

Submetido a um psicoteste, Barcelos, certo, aquiesceria em possuir um complexo de sensibilidade e amor próprio que lhe estragavam, por vezes, o ritmo do viver em agrupamentos. E' lei natural a preferência do feio pelo bonito, do concentrado pelo expansivo, numa palavra, a atracção dos contrastes.

A sensibilidade de José de Barcelos, que se aguçava num intenso viver cerebral e que não tinha o ambiente de família para suavizar-lhe os inevitáveis vindos de fora, ericava-se com as atitudes sóbrias sem demonstrações sensíveis. No seguinte tópico de sua mencionada e curiosa correspondência — um documentário psicológico de valor — vem esta refe-

rencia ao Senador Pompeu, que em virtude mesmo de sua finura política estava longe de ser um livro aberto: "Poucas vezes vejo Pompeu. Vou pouco a pouco aborrecendo aquela sequeidão, aquele coração que parece vazio."

Era desse jeito. Não insistia, não fazia por vencer os obstáculos, induzido pelo pessimismo arrasador.

Até ali, não colhera como fora de esperar, os resultados da sua culta inteligência, constrangida por uma modéstia que não era propriamente modéstia, talvez um ceticismo que o afastasse da grande convivência social, tornando-o um irresoluto. O Rio de Janeiro, para onde se transportara como um milionário de esperanças, não lhe interessava mais.

Agora as lembranças e saudades cearenses apertavam-no num enleio. Decidiu regressar às plagas nativas. Comunicou a resolução aos amigos, pediu-lhes um emprego no Liceu ou na Biblioteca. O magistério e os livros — seu refúgio, sua paixão.

A ante-visão da chegada ao Ceará deixa-o em ansias, em alegrias comunicativas.

Tenho agora uma ideia fixa — diz ele a Brígido — quero ir ao Ceará... Sempre, sempre, esse desejo de ver minha terra, essa saudade profunda, imensa... Ainda ontem... Sonhava, imaginava descortinar a ponta do Mucuripe... alvejam as jangadas e mais apressado me bate o coração... Desdobra-se diante de mim a cidade faceira e donairosa. Sou chegado; atraca ao vapor uma jangada; eis-me nela... Enfim, atraca à praia, molho-me todo, mas salto em terra. Que prazer! Atravesso as ruas um abraço aqui, um aperto de mão ali, um aceno amigável mais longe e eis-me em casa. Porque não é isto já, meu Deus!

As frases são expressivas, movimentadas e coloridas, contudo o nostálgico suspende-as, quase todas, com reticências, como se não tivera dito tudo que sentia e lhe ficasse ainda alguma coisa no coração.

O Rio desiludira-o durante todo aquele decênio de 1870, absorvido que estava em questões e problemas partidários, cuja maior parte vazia de interesse nacional procedia da confusão política central com as suas irradiações para as Províncias.

As declamações democráticas que se levantavam no Manifesto Republicano de 3 de Dezembro de 1870, assinado por Saldanha Marinho, Aristides Lobo, Ferreira Viana, Lafayette R. Pereira, Bernardino Pamplona e outros, ecoavam á roda do trono do Imperador, que não estava imune contra as invectivas dos demagogos exaltados.

A atmosfera ainda se conturbava com a Questão Religiosa em que os bispos D. Frei Vital Maria de Oliveira, de Olinda, e D. Antônio de Macedo Costa, do Pará, se opuseram intrepidamente á intervenção indébita do poder do Estado nos negócios e assuntos privativos da Igreja, sendo afinal, presos e condenados.

No âmbito da literatura, os espíritos saturados do lirismo romantico do tempo ou arrojavam-se ás alturas nas azas condoreiras da musa de Castro Alves ou peregrinavam nas matas murmurantes, atingidos da inquietação mórbida de Fagundes Varela ou se esvaíam na languidez nostálgica de Casimiro de Abreu ou, no desvario do cepticismo dominante no século, entravam nas tavernas para beber com Alvares de Azevedo.

José de Barcelos não era político, nem revolucionário, nem sonhava com a República. Não depende a felicidade dos povos dos regimes políticos que adoptam, mas dos homens que os governam.

Quanto a romantico, troçava até de Tobias Barreto, o futuro grande crítico e sociólogo quando se encadernava em poeta.

Nessas condições, nada mais o retinha no Rio. Voltaria para o Ceará. Ademais, a seca estava acabando com a sua querida Província. As incríveis e assombrosas notícias da fome e da peste da varíola com as suas devastosas consequências, três anos a fio, 1877-78-79, abalavam a população do Rio de Janeiro.

Num só dia, 8 de Dezembro de 1878, conforme o testemunho de João Cordeiro, a peste da varíola ceifou 1.012 pessoas. Os coveiros foram insuficientes para sepultar todos os cadáveres. O Imperador, num rasgo ultra de piedade e romantismo, pretendeu vender as jóias da Coroa para vir em socorro da desditosa gente cearense e, do outro lado do Atlantico, o génio de Guerra Junqueiro gravou o longo martirológio em alexandrinos imortais.

De retorno ao Ceará, contemplou *de visu* os efeitos pavorosos da calamidade climica, espetáculos que se equiparavam aos das imaginações fantásticas. O sofrimento, entremeado de cenas e episódios dantescos, fornecia inexaurível matéria ás suas cartas a J. Brígido, que viajara para o Rio, nas quais salientava com entusiasmo a coragem sem par do povo diante da intensa desgraça que o tentaculava.

Paralelamente ocorriam factos deprimentes da espécie humana que ele narrava, indignado. Não deixava em silêncio a prática vergonhosa das *muambas* perpetradas por certos *comissários* ou encarregados da distribuição de socorros aos retirantes alojados nos abarracamentos da capital, os quais enriqueciam da noite para o dia, á custa da mais negra miséria.

José de Barcelos fora nomeado por acto de 2 de Agosto de 1879 director da Secretaria da Assembleia Legislativa, função que não o impedia de obedecer á ingênita vocação professoral; assim, abriu aulas particulares logo que alguns estudantes o procuravam. Encontrava-se no seu elemento, no meio dos alunos atentos ás suas sábias prelecções.

“Se fosse um número suficiente — declarou textualmente em carta — eu, por uma vez, fugia da vida pública. Acho-me tão bem no meu isolamento ! Quem me dera viver sempre assim, no meu cantinho, onde não chegasse o vendaval das pequeninas paixões partidárias.”

Aos trabalhos de director da Secretaria da Assembléia e a faina das lições particulares, acrescentava a colaboração nos jornais, traduzindo para a *Gazeta do Norte* obras de Feuillel, Zola, Delpit e outros romancistas franceses em moda. Não deixava também de produzir. Em 1880, por ocasião das festas comemorativas do tricentenário de Camões, publicou uma biografia do genial épico lusitano, além de um artigo intitulado — *Ave, Camões !* Funcionando a Assembleia Legislativa, deliberou a mesma na sessão de 24 de Julho de 1880 nomear uma comissão escolhida do seu seio para estudar os meios de melhorar a instrução pública da Província, não se dispensando de convidar a José de Barcelos para auxiliá-la nos seus trabalhos, sob a presidência do 1.º secretário, o ilustre jornalista e homem público João Lopes Ferreira Filho.

Desde o tempo da brilhante e fecunda administração do Padre José Martiniano de Alencar, que fez a lei n.º 91, de 5 de Outubro de 1837, infelizmente não executada por ter aquele presidente deixado o cargo, a criação de uma Escola Normal era um problema posto em equação para o progresso da instrução, que continuava ministrada por professores,

na quase totalidade, faltos de preparo para exercer a importante missão.

Alguns sucessores do preclaro estadista cearense focalizaram a questão, destacando-se entre eles o Brigadeiro José Maria da Silva Bittencourt que governou o Ceará de 1843 a 1844, o qual não só propugnava pela criação de uma Escola Normal como preconizava o alargamento da instrução primária em favor do sexo feminino.

Num dos seus relatórios dirigidos á Assembleia Provincial informava que existiam 44 cadeiras de ensino primário, dessas apenas 5 destinadas ao sexo feminino. Semelhante disparidade — um flagrante da mentalidade da época, despertou no evoluido espírito do Brigadeiro presidente sensatas considerações que Djacir Menezes transcreveu no ensaio sob a epígrafe — *Educação no Ceará* — estampado no livro — *O Ceará* — edição de 1945 — da autoria de Raimundo Girão e Antônio Martins Filho.

Ponderava o Brigadeiro Bittencourt: “E’ nosso dever não restringir a educação desses entes (refere-se ás mulheres) cujos princípios formariam nossas almas. Seremos bons sempre que nossas mães forem inteligentes e virtuosas.”

Tendo-se em conta a lógica irredutível dos Algarismos do censo da população e os da frequência escolar, torna-se fácil avaliar em que pé andava a instrução, a quanto montava a cifra de analfabetos no Ceará. terra em que houve sempre mais mulheres do que homens.

Finalmente, em 1881, no governo do Dr. Pedro Leão Veloso, concretizou-se a velha ideia da criação de uma Escola Normal para o que muito concorreu a acção pertinaz, eficiente e valiosa de J. de Barcelos através da imprensa em que tratava da instrução, dos seus males e dos meios de melhorá-la.

Do corpo de professores da instituição recém-criada constavam nomes dos mais ilustres do Ceará, entre os quais se alinhava o de Barcelos, que foi designado para reger a cadeira de Pedagogia e Metodologia. O acto meritório do presidente Leão Veloso não se limitou somente á criação da Escola Normal; afim de que esta se tornasse mais apta para a formação e preparo da futura geração de professores, enviou, em comissão, á Europa, José de Barcelos, que iria estudar — os métodos e processos do ensino primário aplicáveis á Província.

Até então o que se via, nesse particular, nas escolas cearenses, era um ensino lacunoso, livresco, inútil para a vida prática, inalado numa atmosfera escolar, um tanto irrespirável, pela adopção de processos bárbaros a que eram submetidas as crianças. José de Barcelos permaneceu na Europa um ano (Outubro de 1881 a Outubro de 82), enriquecendo o seu espírito com a aquisição de conhecimentos pedagógicos os mais modernos, frequentando e visitando importantes instituições educacionais, recebendo provas documentadas de consideração e apreço pela sua cultura e aptidão em assuntos de ensino. Antes mesmo de ir especializar-se no estrangeiro, redigiu o Regulamento da Instrução Primária do Ceará, de 12 de Setembro de 1881.

Foi nesta data e não em 12 de Outubro, como se lê no já citado artigo — *A Educação no Ceará* — que foi promulgado pelo Senador Leão Veloso dito Regulamento, onde se encontram — opina Djacir Menezes — ensinamentos notáveis, sugeridos talvez pelo sr. José de Barcelos — uma das grandes mentalidades do tempo. Extinga-se o tom dubitativo que paira sobre o tópico transcrito e surja a verdade incontestável.

E’ fora de dúvida que o Regulamento de 1881 não foi sugerido

a outrem por Barcelos, mas obra intelectual exclusivamente sua e, como tal, inicia a sequência de trabalhos congêneres de sua autoria, exarada no *Dicionário Bibliográfico Cearense* do Barão de Studart, cuja publicação se deu em 1913, precedendo assim de alguns anos o falecimento do douto pedagogo cearense, que retificaria o engano se isso acontecesse.

Inaugurada em Março de 1884, a Escola Normal ficou, a princípio, sob a direcção imediata da Inspeção Geral da Instrução Pública, passando mais tarde, em virtude do Regulamento de 26 de Junho de 1885, a ser dirigida por um dos professores do curso, nomeado pelo Governo. A nomeação recaiu sobre o professor de Pedagogia e Metodologia José de Barcelos, que no afanoso cargo não percebia nenhuma remuneração. Esta veio anos depois muito minguada. Mas José de Barcelos não fazia do magistério uma profissão, considerava-o um sacerdócio, chamando-o, com respeito religioso, "a santa missão do professorado."

A pecunia era-lhe cousa secundária, fazia abstracção dela como deu sobejas provas durante a sua vida de professor. Aqui encetava a laboriosa carreira, aceitando o ordenado de 5\$000 mensais. Verdade que naquele tempo era menino, residindo na casa paterna, na sua terra, onde tudo lhe era mais fácil. Mas no Rio, na Corte, capital do Império, onde as circunstancias se lhe apresentavam prementes e ásperas, os seus honorários no cargo de vice-director de um colégio encerravam-se, como já sabemos, em 60\$000, uns mesquinhos cobres. Não se queixava, fazia era enfrentar a situação com superioridade, revelando-a em frases como estas: "Não me falta coragem nem confiança no futuro. Amor ao trabalho, tenho-o bastante."

Em 1885, a Escola Normal já funcionava em prédio próprio, sito á praça Marquês do Herval, bem aparelhada se atendermos ás condições do meio, do espaço e do tempo.

A tarefa do ensino tinha para auxiliá-la algum material, que constava de um museu de História Natural, de um gabinete de Física e Química, de colecções minerais, mapas parietais geográficos falados, mudos e em relevo, modelos de figuras geométricas e de desenho, não em profusão, mas bastante aproveitáveis e úteis para elidir uma boa dose de teorismo e dar feição mais prática ás prelecções.

O ambiente educativo impressionava bem: no alto das paredes pintadas, umas de verde, outras de amarelo-claro, havia em grandes caracteres inscrições que encerravam preceitos e ensinamentos instrutivos. No portico da entrada do salão do 3.º ano gravava-se a célebre sentença latina: *Mens sana in corpore sano*. No interior daquele outro salão, os olhos eram atraídos por esta afirmação tão peremptória quanto elevada: *O futuro das nações está nas escolas*. E mais alguns dísticos a brilharem nas escolas anexas e noutros recintos.

O director José de Barcelos multiplicava-se, trabalhava muito. desenvolvendo grande actividade, pois tudo eram começos. Tratava-se de uma reforma na vida escolar cearense, a bem dizer, radical. As lições de Pedagogia e Metodologia não ficavam apenas nas exposições e explicações dadas em aulas, tinham que assumir um carácter prático. Professorandas eram designadas para lecionarem nas escolas anexas sob as vistas do Director e dos ocupantes das cadeiras.

No ensino da leitura, as crianças não cantavam mais o *b* com *a*, *b*, *a* *ba*; iam da sílaba para a palavra e desta para a sentença. Dentro

de poucas semanas liam sofrivelmente, se o texto não fosse lá muito difícil. Não há processos e métodos de ensino: há professores.

As Lições de Cousas, livro didático do inglês Calkins, traduzido por Rui Barbosa, eram excelente guia que, utilizado inteligentemente pelas professorandas, levavam às crianças as noções das ciências e das indústrias,

Na chamada *escola activa* dos tempos actuais essas lições, às vezes, com mais desenvolvimento, vieram a chamar-se de *centros de interesse*. Outra cousa que concorria para o adiantamento e incentivo da classe eram os exercícios de inteligência ou sejam, mais ou menos, os testes de inteligência de hoje.

O trabalho de ensinar adquiria um aspecto agradável, de alegria, reunindo a meninada em torno de Barcelos, que estava a orientar as futuras professoras. Se a lição de cousas se ocupava, por exemplo, do algodão, havia ali um bocadinho da matéria, que era levantada nos dedos: — Quem sabe o que é isto? A resposta soava por entre risos. Ora, quem não sabia! — Algodão! — Agora vamos saber a sua história, para que serve.

E o gosto pelo estudo, pela carreira do magistério abrolhava no íntimo dos presentes, acompanhando a instrução que se ia desenvolvendo, muito promissora.

Quando em aula, aquele homem feio se transfigurava: um quer que fosse velava a carnuda face morena, terminada pelo queixo bipartido e onde se alargava o nariz de amplas narinas e fulgiam os olhos pretos de movimentos rápidos, os quais eram a poderosa expressão da sua fisionomia.

Dir-se-ia que a vocação professoral que vivia nele, o seu entusiasmo quando entregue ao mistér de ensinar, contagiavam aos que o ouviam.

Não o espicaçava mais o desanimo que o salteara no Rio. Podia agora, com mais propriedade, repetir o que anos atrás escrevera a João Brígido: “Esse regime me regenera. Precisava disso. Sinto-me outro. Melhor na alma, melhor no corpo.”

Tornava-se mais comunicativo, ele que, na palestra, não era loquaz, nem de largos gestos. E’ que, de facto — disse um escritor — o prazer máximo do homem está na comunicação das suas emoções.

O complexo de inferioridade (seria a sua fealdade física?) entrevisto naquele quase hermetismo na convivência social, naquele isolacionismo que mais parecia orgulho do homem que sabe quanto vale, a calculada timidez que, às vezes, se transmudava em atitudes enérgicas, ia desbastando as arestas dentro da sua querida Escola Normal.

Pelejara, estudando, armazenando saber; clamara, escrevera tanto a favor dela, que, afinal, ela estava aí cumprindo a sua gloriosa finalidade de formar professoras capazes de libertar a pátria comum das amarras do obscurantismo.

Viera a sua Escola Normal. E percorria-lhe as dependências, tomando ciência de tudo que ocorria. Às vezes, sentava-se junto do lente que estava dando aula. Os lentes eram nomes que ainda hoje repercutem nos nossos ouvidos no discorrer de assuntos literários e científicos: Tomás Pompeu de Sousa Brasil, João Lopes Ferreira Filho, Padre Doutor João Augusto da Frota e Justino Domingues da Silva, Rodolfo Teófilo e outros não menos ilustres.

Junto do professor que lecionava no momento, o Director pretendia colher informação directa do aproveitamento das alunas que bem

percebiam que aquilo não passava de uma fiscalização, aliás discreta. Uma brisa de satisfação suavizava-lhe o rosto, quando a aula decorria satisfatoriamente.

Aconteceu um dia que o Director precisava falar com o substituto do lente de Francês, que se licenciara. Havia poucos minutos que começara a aula. Não querendo interromper o professor no seu trabalho, Barcelos esperou uns minutos, acompanhando a lição, uma cena do teatro francês de Corneille. Página difícil como quase todos os versos, poemas e prosa que condensam a Selecta Francêsa de Roquette. A leitura e a tradução corriam por paus e por pedras. As meninas gaguejavam numa e noutra. O professor, acanhado, não se manifestava. O sr. Barcelos escutava, escutava. Os olhos pretos, fulgurantes, moviam-se-lhe rapidamente e uns vincos profundos cavavam-se-lhe entre as sobrancelhas. Não se conteve aproximando-se um pouco mais do substituto, soprou-lhe estas palavras que, no entanto, foram ouvidas por algumas alunas sentadas na primeira fila : — Doutor, o senhor não sabe francês ! O professor interino compreendeu a verdade, porque daí em diante não compareceu mais á Escola Normal.

Manuseando as prelecções escritas por Rodolfo Teófilo, professor de Ciências Físicas e Naturais, que as fornecia ás normalistas afim de suprir as deficiências dos compêndios, José de Barcelos entendeu fazer umas correções na linguagem, que queria escoreita, sem defeitos. Rodolfo Teófilo, preparado que era na sua cadeira, mas dispéptico e neurasténico, jamais perdoou a Barcelos aquilo que ele considerava uma ofensa á sua autonomia magisterial. Mas não havia ofensa da parte de Barcelos; o que sucedia era que ele amava profundamente a pureza do vernáculo.

Quando do aparecimento da Gramática Portuguesa de João Ribeiro, em 1887, a qual apontava novo rumo ao estudo do idioma, Barcelos tomou a si o trabalho, dando aulas extraordinárias em sua residência ás normalistas.

Não era o ocupante da cátedra de Português, e sim João Lopes Ferreira Filho, que dava muitas faltas, talvez, pelas suas multiplas occupações, inclusive a de redactor do tradicional e popularissimo órgão da imprensa fortalezense — *O Libertador*. Nesse ano de 1887, após o interregno de vinte anos nas lides jornalísticas, a sua individualidade de escritor reaparece entre as de João Lopes, António Martins, Abel Garcia e José Olímpio da Rocha nas colunas de *A Quinzena*, que estampa artigo de sua lavra sobre Pestalozzi e a sua obra universal.

Decrescera visivelmente a sua produção literária; cercado de trabalhos, a directoria da Escola, as aulas, as leituras de que era apaixonado, quase não dispunha de tempo para colaborar em revistas e jornais. Livros escrevera-os, poucos e valiosos: o *Ensino Simultaneo da leitura e da escrita*, *Novos pontos de Geografia* e vários *Regulamentos e Regimentos Internos das Escolas*, preciosos para o desenvolvimento e cumprimento do programa escolar.

Em 1891, governando o Estado o General Clarindo de Queiroz, o professor José de Barcelos deixou o cargo de director da Escola Normal em virtude de uma disposição constitucional que vedava a acumulação de empregos.

O País mudara de regime. O primeiro governo republicano estadual, legalmente constituído, articulou em alto e bom som que, em matéria de instrução, o Ceará não ia bem. Não era de admirar. Faz

parte do código político um preceito imposto ás administrações novatas, qual o de não reconhecerem os actos beneméritos daqueles que as precederam.

Áquela hora, na doce paz do lar (o professor José de Barcelos casara em idade provecta com Francisca de Melo Cesar, que fizera bonita figura na Escola Normal e para onde voltara na qualidade de professora de Algebra e Geometria) áquela hora, ele teria cimentado os seus velhos conceitos a propósito da política, a complexa arte de governar.

Morreu em 24 de Outubro de 1919 na consciência serena e feliz de que dedicara a existência em instruir e educar a infancia e a mocidade — o maior serviço que podia prestar á sua terra.